
APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade das discussões em torno da natureza e suas representações, especialmente quando consideramos o papel do imaginário na relação do homem com o mundo natural, vai ao encontro de uma produção cultural múltipla e complexa. A composição do dossiê do n. 58 de *Cadernos de Letras* da UFF expõe tanto as particularidades do processamento literário da natureza, quanto a diversidade de aspectos e a dinâmica de cada contexto. Além disso, os trabalhos reunidos exploram, de modo geral, significados políticos e procedimentos estéticos em interconexão.

No artigo que abre o número, “*Locus amoenus, Locus horrendus: Paisagens coloniais da Amazônia no século XVIII (1751-1759)*”, Thiago Gonçalves Souza examina como a representação da natureza na América Portuguesa, no século XVIII, está marcada por contradições expressas no contato entre realidade natural e tradição clássica. Assim, ao tematizar como as paisagens, no que seria então o Estado do Grão-Pará e Maranhão, são representadas em cartas de Mendonça Furtado e Teotônio Gusmão, o autor aponta para a dimensão política que assumem categorias poéticas e retórica como *Locus amoenus* e *Locus horrendus* no contexto colonial.

Tendo ainda em vista a complexidade e a relevância da discussão que considera as decorrências do encontro entre a natureza americana e as perspectivas estéticas e filosóficas europeias, João Pedro Bellas, em “O sublime nos trópicos”, busca discutir o papel assumido pelo conceito de *sublime* no Romantismo brasileiro. Desse modo, o autor questiona a interpretação político-documental que predominou na historiografia sobre o movimento romântico no Brasil, argumentando que, se o nacionalismo não pode ser o aspecto único a ser abordado, a retórica do sublime não se opõe ao projeto nacionalista do movimento.

A conexão entre natureza e nação no Brasil oitocentista é também recuperada por Ana Maria Amorim Correia em “Ubirajara: epílogo da natureza indianista”, ao observar a maneira como José de Alencar, de um lado, sobrepõe à natureza formas culturais valorizadas, o que se evidencia no uso de referên-

cias arquitetônicas e artísticas na construção romanesca das paisagens naturais; e, de outro, estabelece uma identificação entre indígenas e espécimes naturais de modo a mesclar aspectos botânicos e societários.

Os três primeiros artigos do dossiê apontam, portanto, para o caráter político-estético implicado na representação da natureza no Brasil. A esse respeito, não se pode minimizar a influência de teorias científicas e suas repercussões socioculturais, como evidencia o artigo “A Natureza em *Os Brilhantes*, romance de Rodolfo Teófilo”, no qual Felipe Gonçalves Figueira, busca discutir como, em obra de escritor como Teófilo Braga, são observáveis conhecimentos da ciência oitocentista que circulavam no meio literário nacional.

Em “A representação do sertão no imaginário nacional”, Ana Carolina Negrão Berli de Andrade traça as mudanças de significado por que passou a palavra “sertão” na literatura brasileira, desde sua referência inicial a lugares ermos e distantes, até sua associação cada vez mais forte à aridez. Ao mesmo tempo, a designação passa a significar, em nossa literatura, o outro da região litorânea urbanizada e cosmopolita, e, portanto, repositório de uma identidade como mais autenticamente brasileira. O sertão surge, assim, não tanto como um bioma específico, mas como uma construção cultural que influencia a própria maneira de se ver e representar a paisagem, com uma forte carga ideológica.

Se, no artigo anterior, tínhamos uma discussão mais ampla acerca da representação do sertão na literatura brasileira, em “O sertão como representação dos personagens em ‘Buriti’, de Guimarães Rosa”, Alessandra Paula Rech discute um caso específico, abordando a maneira como a natureza, nessa novela de Guimarães Rosa, oferece imagens representativas das características das personagens da narrativa. O contraste entre o sertão e a cidade vem à tona mais uma vez, mas apontando, neste caso, para o interior como um espaço de sensualidade e de suspensão de interditos. O espaço erotiza-se e, ao mesmo tempo, interioriza-se, expressando os anseios dos personagens e a tensão entre a repressão e a busca por libertação e renovação.

Até este ponto, o dossiê vem se concentrando na representação da natureza na cultura brasileira; agora, porém, passamos para a figuração da natureza em outros contextos. Em “A natureza como *tópos* da poesia virgiliana: sentidos possíveis”, Rívia Silveira Fonseca e Thaíse Bastos Pio inserem a X *Bucólica* na

produção discursiva acerca da natureza na Antiguidade clássica para mostrar como o poema se estrutura a partir da tensão entre *locus amoenus* – a natureza como espaço acolhedor e aprazível – e *locus grauis* – a natureza associada ao arrebatamento e ao sofrimento do amor. É nessa tensão que se materializaria o jogo de forças entre os sentidos presentes na poesia.

O dossiê se encerra com uma importante contribuição de Dorothea von Mücke, *Gebhard Professor* de Língua e Literatura Alemãs da Universidade de Colúmbia em Nova York. Em “Humanist vestiges in contemporary science fiction”, não é mais a natureza como *physis* que é a questão, mas sim as diferentes elaborações da natureza humana na cultura ocidental a partir do Iluminismo. Dorothea von Mücke parte da análise de dois filmes recentes de ficção científica – *her* dirigido por Spike Jonze, e *ex machina*, dirigido por Alex Garland – para mostrar como, ao fazer referência a técnicas de expressão cultural aparentemente já datadas, a carta escrita a mão, a pintura e o desenho, as duas obras apontam para a permanência de valores humanistas na contemporaneidade. Nessas narrativas que parecem pôr em questão justamente as noções iluministas de subjetividade, a presença dessas técnicas como marcas da ação humana revela o apelo ainda vivo de uma concepção do indivíduo ligada à presença do corpo e de seu potencial criador.

A seção *Varia* apresenta uma ampla gama de artigos que aborda temas e autores bastante diversos, perpassando desde a Antiguidade até a contemporaneidade. Assim, em “Alcinous’ speaking name in the *Odyssey*: the king of a strong mind”, de Rafael de Almeida Semêdo, discute-se o significado do nome de Alcínoo, o rei dos feácios na *Odisséia*, como um elemento caracterizador do personagem. Já em “A preferência pela negação: um estudo sobre a recusa de existência na *Clepsidra* de Camilo Pessanha”, de Ezequias Silva Santos, faz-se um estudo dos poemas “Inscrição” e “Poema final” do poeta português com base na noção de negação, tendo como ponto de partida a filosofia de Martin Heidegger e Arthur Schopenhauer. Por sua vez, em “Entre o ser e o estar: devaneios sobre a atmosfera de *A menina morta*”, Marco Antonio Notaroberto da Silva faz uma análise da ambientação do romance de Cornélio Penna, a fim de mostrar como a fazenda do Grotão se constitui quase como um personagem orgânico que tem influência direta sobre a sensação de mal-estar criada na narrativa, principalmente a partir do uso de imagens sonoras. A discussão

de estereótipos relacionados com o feminino, criados de um ponto de vista masculino, é um dos focos principais de Carmen Lúcia Queiroz, em “Mulher, natureza e loucura em ‘Uma carta’ de Sérgio Sant’Anna”, que analisa a associação entre mulher, natureza e loucura no conto do escritor carioca. Em “A linha que atravessa o quadro: da solidão à intimidade em *To the Lighthouse*”, Marcela Filizola, por outro lado, explora a possibilidade de uma estética feminina ao discutir a maneira como Virginia Woolf problematiza o potencial da arte e da linguagem para dar acesso à realidade da experiência. Finalmente, em “Memória e *performance* feminina na cena contemporânea”, Andréa Stelzer examina as relações entre memória, *performance* e política ao discorrer sobre as montagens de *Melancholia e manifestação*, da argentina Lola Arias, e *Eu não sou bonita*, da espanhola Angelica Liddell, trabalhos que, segundo a autora, buscam “novas percepções das subjetividades femininas”.

Agradecemos a todos que enviaram suas colaborações para esta edição do número 58 de *Cadernos de Letras da UFF*, que se mantém, assim, como um meio importante para a divulgação da diversidade da produção acadêmica nas áreas de linguística e de literatura. Esperamos ter contribuído também para um aprofundamento da discussão a respeito da representação da natureza na literatura, que envolve não só a imbricação do social e cultural com o mundo físico, mas a maneira como concebemos a própria noção de humanidade.

André Cabral de Almeida Cardoso

Claudete Dafflon dos Santos

Organizadores